

PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO PARA BASES LEXICAIS DE ADVÉRBIOS FORMADOS COM O MORFEMA -MENTE EM CORPUS DO SÉCULO XIV

SANTOS, Ione Pereira dos
COSTA, Sônia Bastos Borba

Universidade Federal da Bahia
ioneps@yahoo.com.br
soniaborba.let@uol.com.br

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma proposta de categorização para bases lexicais de advérbios formados com o morfema -mente, tendo em vista a perspectiva de análise prevista pela Teoria da Gramaticalização, considerando o *continuum* morfossintático (forma livre → forma presa) e subdivisões semânticas a partir de Moura Neves (2000). Será apresentada também uma análise preliminar do escopo dessas formas adverbiais, ampliando a abordagem da Gramática Tradicional a partir de Ilari et. alii (2002). A metodologia aplicada baseia-se em abordagem funcionalista para a análise de *corpus* do século XIV: os *Diálogos de São Gregório*, edição resultante da investigação realizada pelo Professor Doutor Américo Venâncio Lopes Machado Filho/ UFBA. Questiona-se o postulado de que os advérbios formados com morfema -mente apresentem uma base nominal, mais propriamente de adjetivos em sua forma feminina, pois foram encontrados itens que apresentam a sua palavra base em dissonância com tal afirmação. Propõe-se, portanto, que as bases analisadas nem sempre sejam adjetivais. Propõe-se ainda que o valor semântico dessas bases e o seu escopo se inter-relacionem de forma a ampliar as categorias semânticas, geralmente restritas pela Gramática Tradicional à categoria de Modo.

Palavras-chave: Advérbios, bases, categorização semântica, escopo.

1 Introdução

Parte de Dissertação de mestrado em andamento, este trabalho, como possível modesta contribuição, tem como objetivo analisar as bases dos advérbios com morfema -mente, levando-se em consideração a sua constituição e funcionamento, tratando os processos de mudança linguística envolvidos sob a luz do Funcionalismo, mais especificamente no que diz respeito à gramaticalização.

A hipótese é de que o morfema -mente foi investido desse estatuto no Português em sua fase arcaica, juntando-se a itens lexicais – geralmente a adjetivos, para compor o que chamamos neste texto de advérbios com morfema -mente. Para tanto utilizou-se como *corpus* os *Diálogos de São Gregório*, texto do século XIV, em edição de Machado Filho (2008).

2 Mudança Linguística, Funcionalismo e Gramaticalização

Brigitte Schlieben-Lange (1994) na introdução de seu texto “Reflexões sobre a pesquisa em mudança linguística” mostraram-se de extrema relevância para tratar o tema. A autora cita Dante na *Divina Comédia* para afirmar que: a) “uma língua não pode ser *durabilis*, porque os seres humanos também não o são”, sendo assim, a mudança se torna necessária ao cumprimento das funções da língua; b) “também não são *continuae*”, admitindo a ideia de que

as línguas não variam continuamente, mas em “saltos”¹; c) “elas o fazem como *mores et habitus*”, agem como outros objetos culturais, socialmente constituídos; d) “não podem ser fixadas,..., nem pela natureza, nem por veredicto jurídico”; e) “ganham estabilidade pelo *beneplacitum*, tradição e *locali congruitate*, proximidade local”.

Tanto ou mais significativa é a referência feita pela autora (1994, p.225) aos três problemas da mudança linguística levantados por Coseriu: a) O problema universal: Por que – ou melhor, para que – as línguas mudam?; b) O problema geral: Como as línguas mudam?; c) O problema histórico: Sob que condições as línguas mudam?

Sintetiza-se a resposta à primeira pergunta com uma citação da própria Schlieben-Lange (1994, p.227): “A historicidade das línguas resulta necessariamente dos dois universais da criatividade e da alteridade”. Assim, as línguas mudam porque os falantes precisam verbalizar suas intenções da melhor maneira possível, e essa mudança se orienta pelo modo como os outros estão falando.

Pressões sociais, mudanças de geração, lei do mínimo esforço, dentre outros, são fatores que vêm sendo levantados por abordagens diversas para tentar explicar como as línguas mudam, enquanto as Tradições Discursivas, o Cognitivismo e a Teoria da Naturalidade são tentativas de explanar por que e sob que condições as línguas mudam.

Martelotta (2003), desenvolvendo postulado funcionalista, acredita que as mudanças são resultado de movimentos da interação em situação comunicativa. Para ele, *tempo*, *cognição* e *uso* são aspectos refletidos na trajetória de mudança de um elemento linguístico. É o contexto de cada situação de comunicação que dita a mudança, que acontece por necessidade diferenciada de atuação de diversos fatores. O autor conclui que as mudanças da língua começam quando o falante produz seu discurso para um interlocutor específico. Ele afirma que:

“se por um lado a produção discursiva é limitada pelas restrições já consagradas na gramática da língua, por outro constitui um processo criativo no qual o falante recria forma e estende sentidos de acordo com suas limitações cognitivas e as necessidades comunicativas impostas contextualmente. Quando essas recriações são, nas palavras de Bolinger (1975), percebidas, apreciadas e adotadas, elas permanecem, podendo vir a gerar situações efetivas de mudança”. (MARTELOTTA, 2003, p. 71)

Assim, considera-se que o Funcionalismo trata a língua na sua função precípua de comunicação e expressão, com a motivação de saber como se organiza para promover interação verbal.

Dentro do Funcionalismo Linguístico, a Teoria da Gramaticalização tem despertado o interesse de linguístas, o que resulta tanto quase em diversidade de pesquisas com o tema, quanto em controvérsias no sentido e aplicações que lhe são atribuídas, inclusive no que diz respeito ao recorte temporal a ser feito (assunto discutido neste trabalho).

Ainda assim, como lembram Gonçalves; Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p.19), há consenso em dois pontos:

- i. Distinção entre itens lexicais, signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, signos linguísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexema abstratos, palavras acessórias, do outro;

¹ É preciso ressaltar que essa visão de Dante de que a língua não varia continuamente mas em saltos não condiz com os preceitos do Funcionalismo Linguístico.

ii. Tendência das últimas categorias a se originarem das primeiras.

Antoine Meillet, como é sabido, foi o primeiro, em 1912, a usar o termo *gramaticalização* como a aquisição de caráter gramatical por uma forma antes autônoma (léxico>gramática). Gonçalves; Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 22) alertam que esse último item comporta a sequência interna *sintaxe>morfolgia*. E versões de estudos atuais consideram a aquisição de gramaticalidade por parte de qualquer material linguístico.

Há, como se sabe, outras abordagens para o estudo da Gramaticalização. Willet (1988), por exemplo, propôs hipóteses para a mudança semântica, que comporta: extensão metafórica (significado); extensão de conteúdo (forma gramaticalizada mantém resquícios semânticos); implicaturas conversacionais (convencionalização) que baseado no conhecimento de mundo gera inferências no conteúdo as quais, ainda que não estejam no contexto.

Fundamentado nestas propostas, emprega-se neste trabalho o termo gramaticalização como um processo unidirecional em que itens lexicais ou menos gramaticais, em determinados contextos, passam a exercer funções gramaticais (ou ainda mais gramaticais), o que resulta em alterações de natureza sintática, semântica e discursivo-pragmática, promovendo, inclusive, mudanças de estatuto categorial do item em questão.

Um exemplo clássico de gramaticalização demonstra o percurso linguístico do pronome *Vossa Mercê* até o simples *cê* utilizado atualmente e detalhado no *cline* *Vossa Mercê* > *vossemecê* > *vosmicê* > *você* > *cê*. Em análise simplista pode-se facilmente deduzir deste *continuum* a ocorrência de erosão fonética e “desbotamento” semântico em decorrência da alta frequência de uso dos termos.

A gramaticalização pode ainda ser entendida segundo o *cline* oferecido por Hopper e Traugott (1993 *apud* GONÇALVES; LIMA-HERNANDES E CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 22) que explicita o desenvolvimento do item lexical que se torna gramatical e depois amplia ainda mais sua gramaticalidade chegando a ser mais previsível em relação ao seu uso:

[item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional²]

Assim, já é possível admitir que nem toda mudança pode ser identificada como gramaticalização, mas que todo processo de gramaticalização implica em estágios de mudança, o que fomenta pontos de dissensão no trato desta teoria.

Como já dito no início deste subcapítulo, o recorte temporal é um dos pontos de discussão nos estudos que envolvem o processo de gramaticalização. O recorte temporal, salientado por Hopper e Traugott (1993 *apud* MOURA NEVES, 2004, p. 116) encontra espaço na dicotomia diacronia *vs.* sincronia (ver também Heine et al., 1991, p. 10-11). A primeira, como lembra Costa (2003, p. 59) tenta capturar o processo em curso, numa perspectiva histórica centrada na ligação entre o mundo mental e a língua. A segunda, centrada nas formas documentadas, tem seu foco em períodos de tempos maiores.

Reine e Reh (1984 *apud* MOURA NEVES, 1997, p. 119) asseveram que gramaticalização é um *continuum* evolutivo. Esse *continuum*, também chamado de *cline*, linha, trajetória, percurso, etc., inclui, como quer Costa (2003, p.60) três tipos de sequência:

- i. CONCEITOS-FONTE → CONCEITOS-ALVO: se refere a processos que produzem significado, relativos ao mundo extra-linguístico, que ligam o mundo real ao mundo mental (*continuum* semântico);

² Há que se considerar também que o afixo pode ser de natureza derivacional, questão importante a ser observada em outra oportunidade, mas que não se faz imprescindível para o tratado neste trabalho.

- ii. DISCURSO → SINTAXE → MORFOLOGIA → FONOLOGIA → Ø: se refere à passagem do mundo mental ao linguístico e, nesse, de níveis de estruturação mais amplos a mais restritos, tanto no sentido paradigmático quanto sintagmático (*continuum* morfossintático). Martelotta e Areas (2003) destacam que deste ciclo se origina a unidirecionalidade: as transformações linguísticas caminham do discurso para a gramática;
- iii. Um terceiro tipo que explicitaria a ordem de emergência dos mecanismos de gramaticalização ainda não está claro e depende de uma análise mais criteriosa.

3 Os advérbios

Com a observação das gramáticas de Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2001), Perini (1996), Bechara (1999), Huber (1933), estudos do grupo de pesquisa Gramática do Português Falado de organização de Ataliba de Castilho, como Castilho (2002), Ilari (2002), além de diferentes textos de orientação linguística, pôde-se observar que o conceito dado à classe gramatical dos advérbios e locuções adverbiais não integra a polêmica discussão acerca da categoria. Parece consensual considerar o advérbio como uma expressão de natureza nominal ou pronominal, modificadora do verbo, do adjetivo, de outro advérbio e até mesmo de toda a oração.

Porém, apesar do consenso sobre o conceito outorgado à classe dos advérbios, neste trabalho, divide-se a revisão da literatura concernente a estes itens em duas partes, pois o debate que os cerca está para além de mera definição.

A primeira diz respeito às considerações feitas por gramáticos tradicionais. A segunda parte refere-se às orientações de base linguística na tentativa de viabilizar a compreensão do fenômeno em análise.

3.1 A perspectiva de diferentes gramáticos

Invariavelmente encontram-se capítulos dedicados aos adverbiais nas gramáticas tradicionais, mas, as classificações estabelecidas são das mais controvertidas, em função da reunião de grande número de formas de considerável multiplicidade categorial.

Desde a análise do português antigo, as abordagens sobre a classe dos advérbios são bastante simplistas. Basicamente, as espécies de advérbios apontados pelas gramáticas tradicionais são as de modo, intensidade, lugar, tempo, dúvida, negação e afirmação, sendo que para Rocha Lima (2001) os advérbios modificadores do verbo expressam as várias circunstâncias da significação verbal, enquanto alguns que se prendem a adjetivos e outros advérbios para indicar-lhes o grau são chamados de intensidade.

Além destes, Bechara (1999) exhibe ainda uma variada lista de circunstâncias expressas por esta classe: assunto, causa, companhia, concessão, condição, conformidade, fim, instrumento e referência.

Considerando as funções sintáticas desempenhadas pelos advérbios, Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (2001) ressaltam as espécies de advérbios relativos (onde, quando, como) e interrogativos (onde, quando, como, porque); os primeiros empregados em orações adjetivas e os outros nas interrogações diretas e indiretas.

Os graus do advérbio são citados por Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (2001) e Bechara (1999).

A abordagem de Cunha e Cintra (2001) diferencia-se das demais analisadas em três pontos. Apenas estes autores discorrem sobre a colocação dos advérbios e sobre a classe das

palavras denotativas. Especificamente sobre os advérbios em -mente no tocante à repetição, afirmam (p. 547):

I. Quando modificam a mesma palavra:

- (1) “É longa a estrada... Aos ríspidos estalos
Do impaciente látego, os cavalos
Correm *veloz, longa e fogosamente...*” (R. Correia, PCP, 123)

II. Quando a intenção é realçar a circunstâncias expressas pelos advérbios:

- (2) “Apenas, Nhô Augusto se confessou aos seus pretos tutelares, *longamente, humanamente*, e foi essa a primeira vez”. (Guimarães Rosa, S, 351)

Sobre a colocação dos advérbios, os autores afirmam que:

- I. Os que modificam um adjetivo, particípio isolado ou outro advérbio, posicionam-se antes destes;
- II. Os que modificam o verbo se colocam depois dele se forem advérbios de modo; se forem de tempo e de lugar podem estar antes ou depois do verbo; e os de negação sempre antecedem o verbo;
- III. O adjunto adverbial se põe antes do verbo.

Cunha e Cintra (2001) retomam a denominação dada por Oiticica (1942) de Palavras Denotativas para tratar de palavras consideradas inapropriadamente enquadradas na classe dos advérbios, já que não possuem caráter modificador. Os autores argumentam que estas palavras denotam, por exemplo: inclusão (até, inclusive, mesmo, também, etc.), exclusão (apenas, salvo, senão, só, somente, etc.), designação (eis), realce (cá, lá, é que, etc.), retificação (aliás, isto é, ou melhor etc.), situação (afinal, agora, então, etc.)

A abordagem feita por Perini (1996) é bastante peculiar, já que se apresenta voltada à classificação morfossintática. O autor chega mesmo a afirmar que não existe uma classe que compreenda os itens tradicionalmente chamados de “advérbios”, pois considera que suas diferenças sintáticas são muito profundas.

É bem verdade que, para o autor, a definição de qualquer classe deve ser feita a partir de seu potencial funcional e que os exemplos apresentados em seu texto corroboram para sua argumentação de diferenças gramaticais no âmbito sintático entre os itens. Mas sua análise, que se limita a observar o potencial funcional de apenas cinco itens que tradicionalmente são considerados como advérbios, revela-se pouco vigorosa tanto pelo número de exemplos usados, quanto pelas afirmações polêmicas por sua tradicionalidade, e ainda mais por ser esta uma avaliação de cunho descritivo que, inadequadamente, não leva em consideração todos os aspectos linguísticos envolvidos na classificação de um item.

Além disso, é importante salientar, para este trabalho, que o autor não faz qualquer citação ao grupo dos advérbios que possuem o morfema -mente. Até porque sua finalidade é bem mais restrita.

Bechara (1999, p. 287) entende o advérbio como expressão modificadora que por si só denota uma circunstância e desempenha na oração a função de adjunto adverbial, atribuindo-lhe uma natureza nominal e pronominal e destacando que se refere geralmente ao verbo, adjetivo, advérbio ou declaração inteira.

Para o autor, os advérbios assinalam a posição temporal, espacial ou o estado designado, possuindo flexibilidade de posição na sentença e certa autonomia fonológica.

Segundo o autor, os advérbios são citados por ele como denotadores de tempo, lugar e quantidade são pautados por critérios semânticos, enquanto os demonstrativos, relativos e interrogativos se “juntam” através critério funcional.

Bechara (1999, p. 290) cita as principais circunstâncias expressas pelo advérbio ou locução adverbial – assunto, causa, companhia, concessão, condição, conformidade, dúvida, fim, instrumento, intensidade, lugar, modo, referência, tempo e negação, e observa o grupo de denotadores da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) – de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce, explicação e expletivo.

3.2 Trabalhos de orientação linguística

Apesar de Perini, em sua *Gramática Descritiva do Português* (1996, p. 338), ter afirmado que “[...] os ‘advérbios’ do português estão muito pouco estudados em seu conjunto; temos apenas estudos parciais. A situação é tal que não parece possível dar uma visão abrangente das diversas classes, nem mesmo uma lista completa delas”, é possível, ao menos no âmbito dos trabalhos de orientação linguística, encontrar variados e interessantes trabalhos a respeito da classe dos advérbios.³

Além destes, os textos de Ilari et alii (2002), Castilho e Castilho (2002) e COSTA (2003), são de relevante importância para a observação do *corpus* neste trabalho. Sendo assim, tratar-se-á doravante, de forma bastante sucinta, de suas abordagens.

3.2.1 Moura Neves (2000)

Na gramática de Usos do Português, Moura Neves (2000) trata a classe dos advérbios analisando sua forma, natureza, subclasses e particularidades de maneira minuciosa.

No que se refere à forma, autora distingue na Língua Portuguesa os advérbios simples (formados por uma só palavra) dos advérbios perifrásticos, também chamados de locuções adverbiais, formados por diferentes composições.

Sobre sua natureza, a autora conceitua o advérbio como palavra invariável sob o ponto de vista morfológico e como palavra periférica, funcionando como satélite de um núcleo nas diversas camadas do enunciado, do ponto de vista sintático ou relacional.

Moura Neves (2000) acredita ser a classe dos advérbios bastante heterogênea, dividida sob as categorias e subcategorias conforme apropriada ilustração de Costa (2003):

³ cf. POTTIER (1968). LAKOFF (1970), BONFIM (1988), SAMARA (1989), BASÍLIO (1998), BARBOSA (2006).

1 MODIFICADORES	1.1 DE MODO (qualificadores) (ex.: depressa)	
	1.2 INTENSIFICADORES (ex.: muito)	
	1.3 MODALIZADORES	1.3.1 <u>epistêmicos asseverativos</u> : afirmativos (ex.: evidentemente) negativos (ex.: de jeito nenhum) relativos (ex.: talvez)
		1.3.2 <u>delimitadores</u> : Com generalização plena (ex.: geralmente) Com generalização aproximada (ex.: quase) Com restrição (ex.: teoricamente)
		1.3.3 <u>deônticos</u> (ex.: obrigatoriamente)
1.3.4 <u>afetivos</u> (atitudinais) subjctivos (ex.: felizmente) interpessoais (ex.: francamente)		
2 NÃO- MODIFICADORES	2.1 OPERAM SOBRE VALOR DE VERDADE	<u>de afirmação</u> (ex.: sim)
		<u>de negação</u> (ex.: não)
	2.2 NÃO OPERAM SOBRE VALOR DE VERDADE	2.2.1 <u>circunstanciais</u> : fóricos (ex.: aqui, hoje) não-fóricos (ex.: atrás, sempre)
		2.2.2 <u>de inclusão</u> (ex.: também)
		2.2.3 <u>de exclusão</u> (ex.: exclusive)
		2.2.4 <u>de verificação</u> (ex.: justamente)
	2.3 JUNTIVOS ANAFÓRICOS	2.3.1 <u>contraposição sem eliminação</u> contraposição em direção oposta (ex.: porém) contraposição na mesma direção (ex.: porém) contraposição em direção independente (ex.: porém)
		2.3.3 <u>contraposição com eliminação</u> : eliminação no tempo (ex.: porém) eliminação sem relação temporal (ex.: porém)
		2.3.3 <u>conclusão</u> (ex.: portanto)

Quadro 2: Características semânticas dos advérbias a partir da leitura de Moura Neves (2000 *apud* COSTA, 2003, p. 119)

Neste trabalho, não se tratará o subitem ‘Juntivos anafóricos’ de Moura Neves (2000), pois não são pertinentes ao aspecto dos advérbias de que trata este trabalho.

3.2.2 Ilari et alii (2002)

A partir de dados extraídos de inquéritos do Projeto NURC, Ilari et alii (2002) analisam a visão da gramática tradicional sobre a classe dos advérbios a fim de apresentar uma proposta de caracterização semântica da classe, da qual se esboçam algumas regras sintáticas relativas ao posicionamento dos advérbios nas sentenças.

Os autores acreditam que a classe dos advérbios exhibe limites incertos no que se refere aos critérios estabelecidos tradicionalmente. A definição de advérbio como palavra de caráter invariável e modificador que se aplica tipicamente a não substantivos atende a natureza morfossintática, enquanto o critério nocional aponta sua característica de indicar circunstância e modificação da ideia expressa por seu escopo.

Eles entendem que os segmentos sintáticos a que os advérbios se aplicam nem sempre correspondem à perspectiva tradicional: verbo, adjetivo ou outro advérbio. Os advérbios têm como escopo os constituintes da oração (3) e a oração como um todo (4):

(3) O Brasil diz-se *basicamente* subdesenvolvido e diz-se também que ele está crescendo. (SP – 343: 499)

(4) *Basicamente*, eu posso não interferir no processo global... Mas eu queria entender esse processo. (SP – 343: 585)

Apesar de também advogarem uma divisão em dois grupos sinônimos aos de Moura Neves (2000) – Modificadores X Não-Modificadores = Predicativos X não-predicativos, no que tange à classificação, Ilari et alii (2002) apresentam uma proposta bem mais específica que a da autora. Para eles, o grupo dos predicativos é formado por advérbios qualitativos, intensificadores, modalizadores e aspectualizadores que modificam tipicamente o sentido do verbo ou do adjetivo; enquanto o grupo dos não-predicativos possuem apenas advérbios de verificação e circunstanciais.

Sobre os dêiticos, os autores entendem aplicar-se a unidades cujas dimensões ultrapassem os limites dos constituintes e da sentença. Esses segmentos, de amplitude e natureza linguística diferentes, ou (I) se restringem à predicação, ou (II) se estendem à sentença toda, ou (III) abarcam uma sequência discursiva mais ampla. Os exemplos (a.), (b.) e a primeira ocorrência de (c.) ilustram as alternativas (I) e (II), enquanto a segunda ocorrência de (c.) revelam o entendimento dos autores de que há mudança de tópico e de orientação discursiva, ilustrando a alternativa (III):

- a. Por enquanto não [têm esses problemas de juventude porque... as mais velhas estão entrando *agora* na adolescência. (40)
- b. Então é um corre-corre realmente, não é?... *Agora* eu assumi também uma secretaria da APM... lá do colégio das crianças, então tenho muita tarefa também fora de casa, não é? (165)
- c. – *Agora que estão todos maiores*, quer dizer, cada um fica mais ou menos responsável por si.
 – Já se cuidam.
 – De higiene, de trocar de roupa, todo esse negócio. Quer dizer, já é alguma coisa que eles fazem porque...
 – Ajuda demais, né?
 – Já ajudam bem.
 – *Agora*, tem sempre [...] numa família grande há sempre um com tarefa de supervisor... por instinto, não é por obrigação. (176)

Ilari et alii registram, em suma, que os advérbios são uma classe heterogênea, caracterizada pelo caráter variado das funções sintáticas que exercem e dos ambientes

sintáticos em que ocorrem. Sua posição na sentença equivale a paradigmas que se definem de forma funcional e que refletem propriedades sintáticas e semânticas diversas.

3.2.3 Castilho e Castilho (2002)

Ainda mais específica é a abordagem feita por Castilho e Castilho (2002), que com o objetivo de descrever os advérbios abordados por Ilari (1990) sob os eixos semântico e sintático, retomam o texto mencionado a fim de apresentar os advérbios modalizadores, como se vê no quadro que se segue:

ADVÉRBIOS MODALIZADORES	
EPISTÊMICOS	ASSEVERATIVOS: indicam que o falante considera o conteúdo da proposição verdadeiro.
	QUASE-ASSEVERATIVOS: indicam que o falante considera que o conteúdo da proposição depende de confirmação.
	DELIMITADORES: proposta de tradução para os <i>hedges</i> ⁴ , os quais estabelecem os limites dentro dos quais se deve encarar o conteúdo da proposição.
DEÔNTICOS: indicam que o falante considera obrigatório o acontecimento explicitado na proposição.	
AFETIVOS	SUBJETIVOS: possuem predicação dupla – a do falante em relação à proposição e da própria proposição.
	INTERSUBJETIVOS: possuem predicação simples, assumida pelo falante em relação ao seu interlocutor.

Quadro 3 – Advérbios modalizadores segundo Castilho e Castilho (2002)

Apesar de, no texto, os autores usarem os termos “modalidade” e “modalização” como sinônimos, a distinção é feita nos seguintes termos: *modalidade* é o julgamento feito pelo falante ao encarar o conteúdo da proposição de maneira assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não polar) e jussiva (imperativa ou optativa); enquanto *modalização* é a expressão do relacionamento do falante com o conteúdo proposicional, ajuizando o seu teor de verdade ou exprimindo seu julgamento sobre a forma escolhida para verbalizar esse conteúdo.

Castilho e Castilho (2002) entendem que os advérbios modalizadores possuem enorme mobilidade, podendo ocupar todas as posições previstas, além de, sintaticamente, serem como hiperpredicadores que têm por escopo o conteúdo da proposição, estabelecendo sobre este uma relação de dependência, e possuírem grande potencialidade semântica que justifica a complexidade das significações que provocam na sentença, podendo um item fazer parte de mais de uma classe.

Eles admitem a divisão dos advérbios modalizadores em Advérbios Sentenciais (que são hiperpredicadores da sentença) e Advérbios Constituintes (que modificam constituintes sentenciais), porém, no *corpus* analisado, classificam quase todos os advérbios em -mente como advérbios sentenciais (com exceção dos delimitadores e afetivos subjetivos).

⁴ Denominação proposta por Lakoff (1972).

Por fim, Castilho e Castilho (2002) supõem, em suma, a existência de relações entre o estatuto sintático dos advérbios modalizadores, sua disposição no sintagma e os efeitos semânticos prototípico e paragógico.

3.2.4 Costa (2003)

Também relevante para a proposta de categorização neste trabalho é a conceptualização de Tempo e Espaço desenvolvida por Costa (2003).

Através do levantamento e tratamento dos advérbios espaciais e temporais presentes em *corpus* composto de nove textos do século XVI, de um texto do século XV, um do século XIV⁵ e da análise exposta em Mattos e Silva (1989), a autora apresenta indícios diacrônicos do processo de gramaticalização ocorrido nas subclasses de Tempo e Espaço desses itens em Língua Portuguesa.

Da análise das ideias expostas por Svoru (1993), Lyons (1978; 1980) e Lakoff e Johnson (1980) para tratar da conceptualização de Espaço, e em Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1998) e Bull (1960) para a categoria de Tempo, além do exame dos dados encontrados no *corpus* e de seus respectivos sentidos, a autora adotou a seguinte subdivisão:

ADVERBIAIS	Espaciais	<u>Espacialização de base exofórica</u> (referência de um elemento a partir da relação de distância/ proximidade entre esse elemento e o falante)	
		<u>Espacialização Vertical</u>	Plano superior
			Plano intermédio
			Plano inferior
			A referência ao próprio eixo vertical
		<u>Espacialização Horizontal</u>	Área interior
			Área exterior
			Área distante
			Área próxima
			Área procedente
			Área intermédia
			Área quente
			Área de frente
			Área de costas
	Área indeterminada		
	A referência ao próprio eixo horizontal		
	<u>Espacialização Restrita</u> (físico, concreto)		
	<u>Espacialização Extensiva</u> (não-físico, abstrato)		
	Temporais	<u>Temporalização de localização</u>	Presente
			Passado
Futuro			
Outros (tempo hipotético)			
<u>Temporalização de ordenação</u>		Anterioridade	
		Posterioridade	

⁵ Carta de Pero Vaz de Caminha, Cartas de Dom João III, Cartas da Corte de João III, Gramática da Língua Portuguesa, Gramática da Língua Portuguesa, Diálogo em Louvor da Nossa Língua, Diálogo da Viciosa Vergonha, Ásia de João de Barros – I década, Ásia de João de Barros – II década.

		<u>Temporalização de aspecto</u>	Instantaneidade	
			Duração	Longa
				Curta
				Determinada
			Fases	Inicial
		Final		
		<u>Temporalização de frequência</u>	Repetição	
			Irregularidade	
			Habitualidade	Precisa
				Imprecisa
Absoluta	Positiva			
	Negativa			

Quadro 4 – Adverbiais Espaciais e Temporais segundo Costa (2003)

Vale destacar que os dados foram observados no intuito de instituir a qualidade estática ou dinâmica e para estimar o estatuto fórico dos itens em questão.

4 O processo de gramaticalização dos advérbios com morfema derivacional **-mente**

O período do português arcaico foi época, na qual houve grande riqueza de fenômenos ocorridos na classe dos advérbios. Segundo Poggio (1996), essa classe, no Latim, contava com a divisão em classes semânticas de modo, lugar, tempo, quantidade, negação, afirmação e interrogação.

É importante ressaltar que no Latim não existiam advérbios formados com o morfema **-mente**. Em Latim, *'mens, mentis'* era um nome. Porém pode-se afirmar que os advérbios de modo, advindos de adjetivos, exerciam, generalizadamente, papel correspondente aos nossos advérbios com morfema **-mente**. Os exemplos a seguir⁶ mostram que os advérbios latinos de modo terminados em **-o** são os melhores representantes da classe, seguidos dos terminados em **-ter** oriundos dos adjetivos de segunda classe:

Certus, -a, -um	>	certo	(‘certamente’)
Continuus, -a, -um	>	continuo	(‘imediatamente’)
Falsus, -a, -um	>	falso	(‘falsamente’)
Brevis, -e (‘breve’)	>	breviter	(‘brevemente’)
Audax (‘audaz’)	>	audacter	(‘audazmente’)

Outros advérbios⁷, não oriundos de adjetivos, correspondem no português a advérbios formados por morfema **-mente**:

Advérbios de tempo

Denique	(‘finalmente’)
Recens	(‘recentemente’)
Simul	(‘simultaneamente’)
Statim	(‘imediatamente’)

Advérbios de Afirmação

Certe	(‘certamente’)
Plane	(‘perfeitamente’)
Quidem	(‘verdadeiramente’)
Equidem	(‘certamente’)

No português arcaico, os advérbios em **-mente** apresentam uma variação de representação gráfica que elucida a anexação desse morfema às, agora, bases lexicais. Nos primeiros livros dos *Diálogos de São Gregório* encontram-se exemplos desse tipo de

⁶ POGGIO, Rosauta M. G. F., 1996, p. 19.

⁷ POGGIO, Rosauta M. G. F., 1996, p. 27–28.

advérbio com anexação ou não ao morfema derivacional, isto é, em algumas passagens, a grafia já faz supor que o morfema derivacional já está preso à forma advinda do adjetivo, em outros não. Há também variação na escrita do morfema, ora se apresentando ‘mente’, ora ‘mête’, como revelam os exemplos a seguir. É válido salientar, a título de orientação para o leitor, que os exemplos aqui transcritos dos *Diálogos de São Gregório* (2008) reproduzem exatamente a representação gráfica exposta utilizada (Machado Filho, 2008); por exemplo, as barras perpendiculares (/), correspondem à vírgula, a barra vertical (|) indicam mudanças de linha e o ponto representa-se pela forma de seu correspondente moderno.

(5) *Depois disse pedro seu creli | go . cujdas padre que este ho | mē que tam sancto foy . e foy abba | de detantos mōies . e meestre / | de tantos discipolos . ouue **primeiramente** | algũ meestre queo em signasse. (DSG - f. 3 v - c 2)*

(6) *Etam **ujl mente** | andaua uestido. (DSG - f. 8 v - c 1)*

(7) *Eeste he dos casos em | que os casados pecam **mortal mēte**. | quando se juntã por sobegidooẽ | do delecto da carne que am . Como | se juntariã com outros quaaes | quer. (DSG - . 17 r - c 2)*

(8) *Eassy aparece queo filho / | dedeus nosso senhor ihesu christo . quehe | **conpridamēte** deus e homẽ . e ha tã | grande poder como opadre e co | me ospiritu santo . e he hũa das tres pe | soas datrindade . (DSG - f. 14 v - c 2)*

Como ainda não se conta com um estudo diacrônico, *a priori* supõe-se que a forma já estaria em processo de gramaticalização nesta fase.

5 Proposta de categorização

Com base no exposto, em especial, nas abordagens feitas por Moura Neves (2000), Castilho e Castilho (2002), Ilari (2002) e Costa (2003), aventa-se a seguinte proposta de categorização semântica para adverbiais encontrados no *corpus*.

Faz-se importante considerar que o proposto baseia-se numa compreensão de possibilidade semântica dos advérbios não restrita às bases lexicais de advérbios formados com o morfema -mente do *corpus* do século XIV analisado. Sendo assim, as categorias encontradas nos dados serão exemplificadas por proposições representantes das mesmas, enquanto as categorias não presentes no *corpus*, serão figuradas a partir de exemplos encontrados em Moura Neves (2000) que apoiam a sua avaliação como participantes da respectiva subcategoria, já que a análise da referida autora revelou-se a mais abrangente em termos de classificações semânticas pesquisadas.

1. MODIFICADORES: São os adverbiais que afetam o significado do seu escopo. Dividem-se em:

1.1 **QUALIFICADORES:** Podem também ser identificados como adverbiais de modo por qualificar ações, processos ou estados expressos em formas verbais ou adjetivais:

(9) *E ocreligo da e | greia / depois que uio que oẽmy | go aatormentaua tam **torpe** | **mente**. (DSG - f. 17 v - c1)*

1.2 INTENSIFICADORES: Intensificam o conteúdo de uma forma verbal, adjetival ou adverbial:

(10) *Equamdo oachou morto e soube deçer | to daquelles queo matarom chorou | muy rrygamente a deus deseus olhos. | mais polla maldade dos frades queo | matarom . ca polla morte do vsso. (DSG - f. 57 r - c 1)*

1.3 MODALIZADORES: Modalizam o significado de uma proposição. Subdividem-se em:

1.3.1 Epistêmicos: Apresentam uma crença ou opinião ou expectativa sobre a oração. Pode ser:

1.3.1.1 Asseverativos: Indicam o valor e a condição de verdade da oração, apresentados como afirmação ou negação, sem margem de dúvida:

1.3.1.1.1 Afirmativos:

(11) *Ecertamête assi aca | eceo. (DSG - f. 13 r - c 2)*

1.3.1.1.2 Negativos:

(12) *Absolutamente não sabíamos que, naquela hora, não muito longe, vinha chegando a Taperoá, pela estrada, o alumioso rapaz do cavalo branco. (Moura Neves, 2000, p. 246)*

1.3.1.2 Relativos: Apresentam uma hipótese que depende de confirmação:

(13) *Possivelmente havia um certo exagero no julgamento. (Moura Neves, 2000, p.247)*

1.3.2 Delimitadores: Estabelecem os limites sob os quais deve-se considerar o conteúdo da oração:

(14) *E a | tam conprida era auida que fazia . | que nom tam soomête de obras ma | as e desaguissadas . Mais ajn | da depalaura sobeia que nom pre | sta nem empeece anêhũũ. aque | chama a escriptura ouciosa . se guar | daua. (DSG - f. 3 r - c 2)*

1.3.3 Deônticos: Apresentam o conteúdo da oração como uma obrigação:

(15) *Ca | se esforça ohomê pera fazer bẽ. Em | ouujir contra os bẽes que os outros | fezerom . moormête quando sabe que | lhe contam uerdade . e lhe no | meã as pessoas certas que aquellas | cousas fezerom. (DSG - f. 2 v - c 2)*

1.3.4 Afetivos: Verbalizam o estado de espírito do falante em face do conteúdo da oração. Podem ser:

1.3.4.1 Subjetivos: Expressam as emoções do falante em relação à oração:

(16) *Pare | çe por aquello que comta no euange | lho **speciamente** polos bóós. (DSG - f. 100 r - c 1)*

1.3.4.2 Intersubjetivos: Também chamados de interpessoais, expressam as emoções assumidas pelo falante em relação ao seu interlocutor:

(17) *Ora sey eu uer / dadeiramẽte que enujou noso senhor / osey anjo e liuroume do poder de / erodes e domal detodollos judeus. (DSG - f. 25 v - c 1)*

2 NÃO MODIFICADORES: São os advérbiais que não afetam o significado do seu escopo. Subdividem-se em ⁸:

2.1 CIRCUNSTANCIAIS: São os advérbiais que não operam sobre o valor de verdade da oração. Eles apresentam circunstâncias do contexto:

2.1.1 Temporal:

2.1.1.1 Fórico: Expressam circunstâncias de tempo vinculadas à comunicação ou a pontos do texto.

(18) *Não teremos, futuramente, outra saída senão pelo absurdo. (Moura Neves, 2000, p. 267)*

2.1.1.2 Não fórico: Expressam circunstâncias de tempo sem quaisquer vinculações de referência à comunicação ou ao texto.

2.1.1.2.1 Prototípico:

(19) *Ee / sto he oque eu dixe primeiramẽte. / que aquelles que andamos pello / mar. quanto mais andamos. / tanto mais pouco ueemos, o / porto dequenos partimos. Se nos pera / el nom queremos tornar. (DSG - f. 2 r - c 2)*

2.1.1.2.2 Aspectualizador: Atribuem à circunstância de tempo, aspectos:

2.1.1.2.2.1 De repetição:

(20) *Emayormẽte como hiria ala / huũ homẽ/ que nouamẽte . uehera / ao moesteiro . e cuia ujda aJnda / os mõies nõ prouarom. (DSG - f. 7 r - c 2)*

2.1.1.2.2.2 De frequência:

(21) *Mais ficou ã sua oraçõ / des ally em diante conthinuadamente como seus parceiros. (DSG - f. 27 r - c 2)*

2.1.1.2.2.3 De duração:

(22) *E lançouse ã / oraçom e orou muy perlonga / damente apee dehuum pene / do que hi estaua.. (DSG - f. 27 v - c 2)*

⁸ Apesar de não constar na classificação aventada, neste trabalho se recolhe a existência dos Advérbios Não Modificadores que não operam sobre o valor da oração dos tipos Circunstanciais Espaciais Fórico e Não fórico e dos Advérbios Não Modificadores que operam sobre o valor da oração dos tipos Afirmativo e Negativo, entretanto, acredita-se que estes subtipos não são possíveis para advérbio em -mente, e não foram encontrados no corpus.

2.1.1.2.2.4 De ordem:

(23) *Acabo de poucos dyas morreo pri | meiramête anastasyo. Que primeiro | fora chamado. e depois todolos | outros mões / per ordem . assim co | mo foram chamados. (DSG - f. 13 r - c 1)*

2.1.1.2.2.5 De progressão:

(24) *E por que estaua cõ | sua filha achegauase aelle conti | nuadamête. (DSG - f. 92 v - c 2)*

6 Análise do corpus

Os dados foram retirados do livro *Diálogos de São Gregório: edição e estudos de um manuscrito medieval português* (MACHADO FILHO, 2008), cuja edição diplomática permitiu a observação dos dados em seu contexto morfossintático, a partir de leitura prévia integral. Dessa maneira, procedeu-se as análises em nível morfológico, sintático e semântico, possibilitando propor a categorização semântica descrita no tópico anterior.

Foram percebidas 314 (trezentos e quatorze) ocorrências de adverbiais em -mente no corpus em questão, das quais procede-se a apresentação de seu escopo, valores e categorias semânticas.

Assim como preconizado pelos gramáticos tradicionais e pelos trabalhos de orientação linguística que se ocupam do tema, todos os quatro itens comumente apontados como escopo dos adverbiais foram encontrados neste corpus, sendo que as formas verbais destacam-se como mais recorrentes, seguidos, em ordem numérica pela oração, forma adjetival e a forma adverbial, como revela o quadro a seguir:

Escopo	Número de ocorrências	Porcentagem (%)
Forma verbal	198	63,06%
Oração	107	37,07%
Forma adjetival	05	1,59%
Forma adverbial	04	1,28%

Quadro5 – Relação escopo / ocorrências em números e porcentagem.

Os Diálogos de São Gregório são uma valiosa fonte no trato de adverbiais. Sobre a proposta de categorização aventada, o corpus revelou-se bastante favorável em ocorrências, apresentando valores e categorias semânticas variadas, apresentando, inclusive, adverbiais com valores e categoria semânticas distintas, como demonstrado em seguida pelos quadros informativos de advérbios e a partir dos exemplos, respectivos às categorias semânticas sugeridas para cada item que se segue:

(25)

Adverbial	certamente
Nº. de ocorrências	7
Variações gráficas	çerta / mente; çerta mente; certamête; çertamête; certamente
Valores semânticos	Com certeza; de modo claro, aberto.
Categorias semânticas	(25a) Modificador Modalizador Afetivo Subjetivo (25b) Modificador Modalizador Epistêmico Asseverativo Afirmativo (25c) Modificador Modalizador Afetivo Intersubjetivo

(25a) [...] e os que poderiã | uiuer aproueito das almas de | mujtos . Ou ñõ os acham ia no | mundo . Ou **çertamête** som ia | muyt poucos. (DSG - f. 76 r - c 2)

(25b) [...] ca **çertamête** muy carra cousa he | que alingua dos sagraaes cõ que ho | mẽ viue luxe . ñõ luxe amête daquelle que | tamge. como quer queos sanctos homêes | primeiramête uenham afallar cõ elles | graues coussas contra suas uoontades. (DSG - f. 58 r - c 1)

(25c) Sabemos | nos **çertamête** que aqeste sancto hon | rrado santullo conheçia bẽ as leteras. (DSG - f. 75 v - c 2)

(26)

Adverbial	Continuadamente			
Nº. de ocorrências	15			
Variações gráficas	comthinu adamente; con tinuadamête; conthinuadamête; conthinuadamente; continoada mente; continoadamête; continua damête; continuadamête; cõthinuadamente			
Valores semânticos	Continuadamente/ sem interrupção; Continuadamente/ frequentemente; Progressivamente, cada vez mais			
Categorias semânticas	(26a) Não-modificador aspectualizador de duração;	Circunstancial	Temporal	não-fórico
	(26b) Não-modificador aspectualizador de frequência;	Circunstancial	Temporal	não-fórico
	(26c) Não-modificador aspectualizador de progressão.	Circunstancial	Temporal	não-fórico

(26a) [...] e aconteçeo em | tom no tẽpo derrey totilla emijgo de | deus e dos christãos . Aoste dos godos te | ue çercada aquella meesma çidade | deperusio per sete años **continoada | mente** [...] (DSG - f. 53 v - c 1)

(26b) Eeelle esteue ena egreia to | do aquelle dia . E anoite que depos el ueo | **continuadamête** . e o segundo dia cõ anocte [...] (DSG - f. 54 v - c 1)

(26c) E por que estaua cõ | sua filha achegauase aelle **conti | nuadamête**. (DSG - f. 92 v - c 2)

(27)

Adverbial	Primeiramente			
Nº. de ocorrências	64			
Variações gráficas	pirmeiramête; pirmeiramente; primeiramête; primeiramente; primeiramente; primeramête; primey ramête			
Valores semânticos	Primeiro; em primeiro lugar; antes			
Categorias semânticas	(27a) Não-Modificador Aspectualizador de ordem;	Circunstancial	temporal	Não-fórico
	(27b) Não-Modificador	Temporal	Não fórico	Prototípico

(27a) Acabo de poucos dyas morreo **pri | meiramête** anastasyo. Que primeiro | fora chamado. e depois todolos | outros mõiẽs / per ordem . assim co | mo foram chamados. (DSG - f. 13 r - c 1)

(27b) E daquela tempestade ñõ morreo | ñẽhu~u~ daquela casa senõ aquelles | deque ele **primeiramente** dissera. (DSG - f. 93 r - c 1)

E há ainda aqueles advérbios que, apesar da recorrência, apresentam apenas um valor categoria semânticos:

(28)

Adverbial	Escondidamente
Nº. de ocorrências	10
Variações gráficas	ascõ dudamête; ascondidamente; ascondudamête; escomdidamente; escondidamête; escondidamente
Valor semântico	De modo escondido, oculto
Categoria semântica	(28) Modificador qualificador

(28) *Fose denoite pera omuro da | çidade e fose deitar . deçima es | **condidamente** ã hũũ cesto ã | que atou hũa corda e saiuse da | çidade. (DSG - f. 26 r - c 2)*

(29)

Adverbial	Rigidamente - ‘fortemente’
Nº. de ocorrências	13
Variações gráficas	riga mente; rigamête; rrigamente; rrygamête; rrygamente
Valor semântico	Intensamente
Categoria semântica	(29) Modificador Intensificador

(29) *Eelle dezia que huũ menjno | deseu padre . auja hũa enfermja | de aque chamauã alifante e era | atam perijgosa que todos os cabellos | docorpo pellar e o corpo jnchara atã | **rrygamente** quea jnfirmdade que . / auja ão podia esconder. (DSG - f. 39 r - c 2)*

7 Palavras finais

Alguns pontos merecem ser destacados nesta que será, por ora, uma conclusão.

Primeiramente, o conceito de advérbio por enquanto firmado nesta pesquisa: defende-se como advérbio a palavra de caráter invariável e modificador que se aplica tipicamente a não substantivos – verbos, adjetivos, outros advérbios, e até mesmo orações – e que exhibe grande mobilidade na cadeia sintagmática. Sendo assim, assume-se que os advérbios formados com morfema derivacional -mente são advérbios por excelência, por cumprirem as funções estabelecidas por seu conceito.

Propõe-se que o morfema derivacional -mente, advindo da palavra latina ‘mens, mentis’, passou aos primeiros momentos do português já sob forma de morfema, variando graficamente entre ‘mente’, ‘memte’ e ‘mête’, e estando, por vezes, não anexado à base do item. Uma outra questão saltou às vistas durante esta análise. Não raramente se encontram afirmações de que os advérbios formados com morfema derivacional -mente seriam de base nominal, mais propriamente de adjetivos. Considerando-se isso, pode-se, desde já, questionar esse postulado, pois apesar do o corpus não apresentar itens que apresentam a sua palavra base em dissonância com tal afirmação, não raramente é possível encontrar orações do tipo: “*Eu **malmente** sei do que isso se trata*”. Por ser este ser um fenômeno de morfologização, talvez ainda em processo na Língua Portuguesa atual, esse é um aspecto que carece ainda de maiores análises.

Deve-se admitir que a variação decorrente da separação entre base e morfema, no português arcaico, pode dar-se apenas por questão de espaço na linha, até mesmo para o hífen, que, habitualmente, é usado para indicar a continuação da palavra em linha seguinte.

Porém, sendo essa uma afirmação ainda temerária, e a grafia do português arcaico apresentando um número de variações bastante recorrente, preferiu-se levar em conta a possibilidade de que essas palavras estariam sendo escritas separadamente, até porque encontraram-se passagens em que os itens, assim como em (6) não estão em mudança de linha e têm sua escrita separada, como se pode comprovar através dos fragmentos abaixo:

(30) *Este he dos casos em | que os casados pecam mortal m̃ete. | quando se juntã por sobegidooẽ | do delecto da carne que am . Como | se juntariã com outros quaaes | quer.* (DSG - f. 17 r - c 2)

Já em relação ao uso do sinal indicativo de nasalidade (~), advoga-se tratar-se de pura e simples variação na representação gráfica.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, Margarida. Morfológica e Castilhamente: um estudo das construções X-mente no português do Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, Vol. 14, nº especial, p. 15 – 25, 1998.

BARBOSA, Mariana Gonçalves. **Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos**: um estudo sobre os adjetivos adverbializados. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BONFIM, Eneida. **Advérbios**. São Paulo, Ática, 1988.

CASTILHO, Ataliba de. A gramaticalização. **Revista Estudos linguísticos e literários**. v. 19. Salvador: PPGLL / UFBA, p. 25-63, 1997.

_____; CASTILHO, Célia. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Fapesp, 2002, v. 2. p. 199-248.

COSTA, Sônia B. B. **Advérbios espaciais e temporais do português**: indícios diacrônicos de gramaticalização. 3 v. Tese de doutoramento. Salvador: PPGLL / UFBA, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola, 2007.

HENRIQUES, Cláudio César. A estrutura dos advérbios: uma visão sincrônica. In: AZEREDO, José Carlos de (Org.). **Língua portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.

ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In.: CASTILHO, Ataliba de (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Fapesp, 2002, v. 1. p. 53-120.

LAKOFF, George. Passives, adverbs and quantifiers. In.: Irregularity in syntax. New York: Rinehart and Winston, 1970.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Diálogos de São Gregório**: edição e estudos de um manuscrito medieval português. Salvador: Edufba, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Ângela Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Linguística funcionalista**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DPA, 2003, p. 17-28.

MOURA NEVES, Maria Helena de. Aspectos da gramaticalização em português. In.: DUARTE, L. P. (Ed.). **Para sempre em mim**: homenagem à Prof^a. Ângela Vaz Leão. Belo Horizonte: CESPUC, 1999.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 231-332.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, M. T. I.; PINILLA, M. A. M. Advérbios em -mente: estudo comparativo na fala e na escrita. (mimeo) Faculdade de Letras / UFRJ, 1995. Disponível em: <<http://www.acd.ufrj.br/~pead/tema12/ponto32.html>> Acesso em: 19 jan. 2008.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. **Iniciação ao estudo do latim**. Slavador: EDUFBA, 1996.

POTTIER, Bernard. Problemas relativos a los advérbios em “MENTE”. In.: **Linguística Moderna y Filología Hispánica**. Madrid: Gredos, p. 216 – 225, 1968.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. Reflexões sobre a pesquisa em mudança lingüística. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 1, p. 223 – 246, 1994.

SILVA, João Carlos Rodrigues da; CARVALHO, Maria Avelina de; ALMEIDA, Virgílio Pereira de. Advérbio em -mente: processo morfológico concluído ou andamento? **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, V. 1, nº. 2, ano 1, p. 34 – 47, 2000.

RODRIGUES, Violeta Virgínia. **A função dos vocábulos em -mente na fala carioca**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

SAMARA, Samira. O advérbio como modificante do adjetivo e do próprio advérbio. In.: **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 5, n. 2, 1989.

VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Grupo de estudos Discurso & Gramática / UFRJ, 1996.